

P R Ó X I M A P A R A D A

MONTE SERRAT

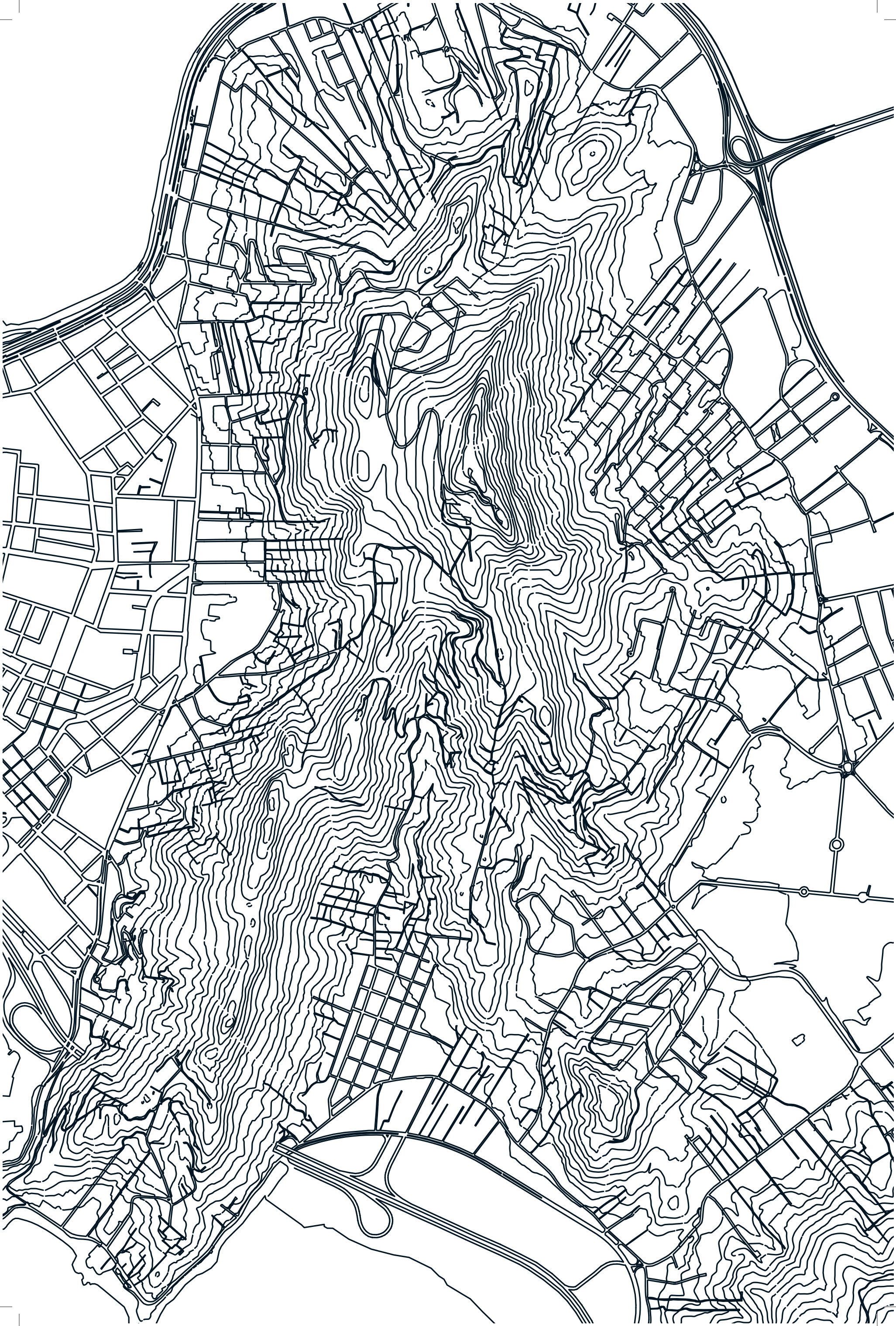
A CONQUISTA DO TRANSPORTE COLETIVO NOS MORROS DE FLORIANÓPOLIS



ed 1_Maio de 2018 _florianópolis/sc
5.000 cópias
impressão financiada coletivamente
— distribuição gratuita —
ao ler, passar para frente —

PRÓXIMA PARADA
MONTE SERRAT

EM UMA COMUNIDADE ONDE ÁGUA E LUZ DEMORARAM MUITO A CHEGAR, O TRANSPORTE FOI SÓ MAIS UM DOS SERVIÇOS PÚBLICOS QUE CUSTARAM A FAZER PARTE DO COTIDIANO DOS MORADORES DO MONTE SERRAT. ESTA REPORTAGEM, DIVIDIDA EM QUATRO CAPÍTULOS, É RESULTADO DE TRÊS MESES DE IMERSÃO NO MORRO, VIVENCIANDO O FUNCIONAMENTO DO TRANSPORTE COLETIVO NOS DIAS DE HOJE E OUVINDO HISTÓRIAS DE UM TEMPO QUE AS PESSOAS DESCIAM A RUA GENERAL VIERA DA ROSA A PÉ, PARA TRABALHAR, ESTUDAR E REALIZAR OUTRAS ATIVIDADES FORA DO BAIRRO.



P A R T E 1

NEM ÔNIBUS, NEM ÁGUA



Ainda hoje a Caixa D'água é guardada por portões. Para entrar é preciso pedir ao vigia.



*Estrada de chão,
água da fonte.*

Com habilidade, o motorista desvia dos carros estacionados ora à esquerda, ora à direita, para facilitar a passagem. A rua ainda silenciosa é tomada pelo ruído do esforço que o motor faz para subir o morro. São 6h45 da manhã, horário em que trabalhadores, estudantes e mães com suas crianças no colo esperam pela segunda viagem do dia da linha Monte Serrat.

Há gente em todos os pontos, mas não há bancos e, às vezes, nem placas para sinalizar que a frente da casa da dona Maria é uma parada de ônibus. Não é preciso nem estender o braço e acenar com a mão para que o veículo pare, onde quer que se encontre uma ou mais pessoas o ônibus irá parar.

A rua pouco movimentada nessa hora da manhã recebe a cada curva uma leva de crianças em seus uniformes escolares, umas sem um fio de cabelo em pé, outras com cabelos desgrenhados e remelas nos olhos. Vão para a escola cedo, porque os pais precisam estar cedo no trabalho. Mais tarde, após o almoço, se encontrarão na rua, para chutar a bola morro acima, e só serão interrompidas pela passagem de motos, carros e ônibus, quando vão precisar se espremer junto aos muros. As mais corajosas deixarão metade do ônibus passar para então jogar a bola por cima e esperar que o coleguinha que ficou do outro lado da rua pegue-a.

As janelas ainda fechadas são emolduradas por casas só com reboco, outras só com chapisco, algumas bem pintadas e várias de tijolos e cimento. Pilares macérrimos sustentam dois pavimentos de edifícios sem muros e com números de identificação pintados a spray. Nos trechos que há calçadas, em alguns pontos, tijolos, areia e brita esperam para serem usados no mais novo puxadinho ou na próxima reforma.

As garagens são poucas, o que faz com que nesse horário a rua fique cheia de carros colados aos muros, com gotículas de água produzidas pelo sereno a escorrer. A experiência do motorista com o trajeto permite que a subida seja embalada por uma velocidade longe de ser lenta, em certa altura do morro uma placa pede cautela: Atenção! Devagar comunidade.

Para o passageiro de primeira viagem, a melhor escolha é não passar a catraca, ficar de pé na parte da frente do ônibus e segurar-se bem firme no corrimão do painel dianteiro. Normalmente são os mais velhos que ficam nesse lugar de visão privilegiada, apesar de na maioria das vezes estarem sentados. Em sua primeira viagem, uma senhora de muletas olhou para a sua colega do banco ao lado e disse:

— Mas tu já veio aqui? Meu Deus, que loucura. Como esse ônibus sobe aqui?

Naqueles quinze minutos de trajeto dentro do morro, as curvas fechadas, o som do esforço do motor, o impulso do veículo nas partes mais íngremes, a invasão de residências pelas janelas de mesma altura do ônibus, podem deixar o viajante impressiona do mesmo.

O motorista riu. A senhora ignorou a falta interesse da colega de banco e foi puxando assunto com o condutor do veículo mesmo.

— Olha, vim aqui para uma consulta no postinho, mas não sabia que tinha que subir isso tudo aqui não.

Comentários sobre o trajeto do ônibus, como esse, vem acontecendo há pelo menos um ano, pois alguns pacientes do Posto de Saúde da Prainha, fechado para reforma, tiveram seu local de consulta transferido para o Posto do Monte Serrat. E para chegar à unidade de saúde é preciso percorrer todo o itinerário da linha, o que faz com que a parte da frente do ônibus venha lotada de idosos, muitas vezes em pé, nos primeiros horários da manhã.

Mas, para os que estão dentro das casas, o barulho pode passar despercebido. E não é preciso ter o sono muito pesado, não, pois se para quem mora há pouco tempo, na comunidade, o ouvido já se acostumou com o ranger do motor, imagina para os que vêm se acostumando há 23 anos com o barulho. Isso porque, até certa tarde de agosto de 1993, os moradores do Monte Serrat – cerca de 2.100, naquele ano - jamais tinham ouvido o esforço de motor de ônibus passando por suas casas.

Jaimiro Cardoso
mora no Monte Serrat
desde a década de 60.

“ENTÃO, QUANDO NÃO TINHA ÔNIBUS,
OU A GENTE LAVAVA O PÉ, OU ABANDONAVA
UM CALÇADO VELHO ALI. EU, QUE
ERA MILITAR E TINHA QUE CHEGAR AO
QUARTEL COM A BOTA TININDO,
DESCENDO ESSE MORRO, ERA QUASE
IMPOSSÍVEL. DAÍ TINHA QUE LEVAR UM
PANO, PARA LIMPAR A BOTA QUANDO
CHEGAVA AO PÉ DO MORRO”.

JAIMIRO CARDOSO

— A torneira era lá embaixo. Lá onde o Teco vai.

Apontando para o velho portão de ferro, Jaimiro Cardoso, um negro alto de 60 anos, explica da garagem de casa, que atrás daquele portão, sustentado por muros altos, havia uma torneira no lado de fora do pátio. E que era lá, um pouco antes de descer o último trecho do Monte Serrat, em direção ao Centro, que o pessoal limpava o sapato para chegar ao trabalho com eles bem limpos: “Então, quando não tinha ônibus, ou a gente lavava o pé, ou abandonava um calçado velho ali. Eu, que era militar e tinha que chegar ao quartel com a bota tinindo, descendo esse morro, era quase impossível. Daí tinha que levar um pano, para limpar a bota quando chegava ao pé a Caixa D’água, que por meio da torneira, daquele fio de água, foi a extensão das casas por oito décadas. Antes da torneira, era por meio de uma bombinha de água, dentro do pátio que guardava a Caixa, que os moradores buscavam água. “E olha, era fila. Eles só colocaram a torneira porque tinha muitas flores e goiaba no pátio. Até deixaram a bomba, mas quem tomava conta da Caixa quase não deixava nós entrar”, conta Elizabeth Ferreira, 68 anos.

Para o poder público, onde Jaimiro apontava, era o R-o, o primeiro reservatório de água de Florianópolis, obra importante para o governo, e que representava o avanço da cidade. Era o marco inicial de uma rede que abasteceu as casas e os serviços urbanos afastados do morro, construída em 1909, durante a administração do governador Gustavo Richard.

A água que chegava às residências, nos baldes, passou a sair das torneiras dos moradores por volta de 1983, depois de muitas idas do Conselho Comunitário do Monte Serrat à prefeitura. “O governo era do Jorge Bornhausen, e o prefeito era Cláudio Ávila. Eu lembro porque a primeira torneira que foi aberta lá em cima foi lá em casa. E foi o Jorge Bornhausen que abriu a torneira lá em casa”, afirma Carlos Cardoso, militante do Conselho Comunitário, na década de 80.

Quando Jaimiro chegou ao Monte Serrat, na década de sessenta, com seus pais e nove irmãos, não era só o ônibus que não havia chegado. A comunidade não tinha água em suas torneiras e nem saneamento básico - a rede elétrica chegara oito anos antes, em 1952, em muitas casas por meio dos ‘gatos’. A estradinha de chão “era só lama”, recorda o morador. Isso porque nascia água em muitos pontos do morro, e eram nesses pontos que as lavadeiras do Monte Serrat lavavam a roupa das famílias do asfalto.

— Oh, Elas que tão vindo ali, são daqui também. Nasceram aqui, cresceram e se criaram aqui.

Jaimiro falava de suas vizinhas, moradoras do começo da rua do encanamento, que subiam o morro a pé mesmo, em ritmo lento e respiração pesada. Marlene e Lúcia Veloso não quiseram esperar o ônibus lá embaixo. As irmãs compartilham a estatura pequena, o corpo rechonchudo, a pele negra, a casa, e quase a mesma idade, Marlene 56 anos, e Lúcia, 57. O trabalho, presente desde cedo em suas vidas, começou dentro da própria comunidade. “Antigamente a gente lavava roupa para fora, subia com trouxa na cabeça e descia com trouxa na cabeça”. Depois, continuaram no trabalho doméstico,

só que dentro das casas, na área central da cidade. Sem ônibus, os jeitos eram ou descer e subir a pé, todos os dias, ou morar na casa dos patrões durante a semana. “Aqui só se trabalhava de empregada, cozinheira, lavadeira, faxineira. Esses eram os serviços”, relata a irmã mais nova.

O “antigamente” de Marlene e Lúcia era em meados da década de 70, mas muitos anos antes, Daura Coelho Veloso, 88 anos, já lavava roupas para fora, no Pastinho, comunidade dentro da comunidade - assim como o Quebra Pote, a Nova Descoberta, a Bica e a rua principal, a General Rosinha -, onde ficava uma nascente abundante de água no morro.

Daura chegou ao Monte Serrat, em 1940, com quatro irmãos e a mãe. Antes moradores do bairro Passa Vinte, na Palhoça, mudaram-se para o morro em busca de um aluguel mais barato após a morte do pai. Aos quatro anos andava pela cidade com as irmãs entregando marmitas. Lá embaixo, viam as linhas de ônibus que circulavam no centro de Florianópolis desde 1920, quando um decreto oficializou a instalação do primeiro serviço de transporte coletivo no município.

Hoje, Daura, uma mulher miúda, de pele negra, com bochechas pequenas que se retraem o tempo todo, durante o riso das histórias cômicas que conta, se ocupa com tarefas domésticas, com a ajuda de uma das filhas. Em uma manhã fria de outono, Daura, manuseava peitos de frango crus, quando foi interrompida.

— Ah, mas a senhora já está fazendo comida?
— pergunta Anderson Ferreira à tia-avó.

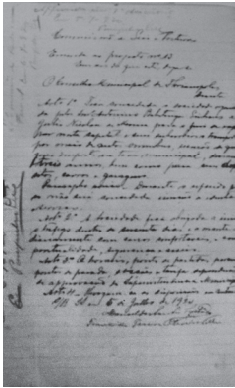
— Pois é. Eu tenho que começar, aqui em casa é cedo. Todo dia é assim, né, meu filho. Eu me levanto e já boto o que tem que colocar no alho, por que eu gosto das comidas bem temperada. E, aqui, sempre tem hóspede para comer. E já vem cedo pra comer, então, já viu, né.

No Monte Serrat casou-se, teve 12 filhos, vivos, hoje, são 11. Um atrás do outro como conta. Naquele dia gelado, um dos filhos estava fazendo aniversário, lembrou: “Esse nasceu antes do Caco fazer um ano”. (Caco é um de seus filhos).

Agora Daura não pega mais ônibus. “Depois que eu fiquei doente deixei de pegar, mas andava muito nele”. Ela está com problema no quadril, e é difícil subir no veículo. Com o barulho do motor do ônibus, já se acostumou também. Então, perto das 7h, quando o ônibus passa em frente a sua casa, subindo o morro, a aposentada continua dormindo. Diferente de quem precisa ganhar a vida. Nessa hora, trabalhadores e estudantes, já acordados, ao ouvirem o ônibus subir, calculam que dali a dez minutos o transporte irá descer. Quem já garantiu seu lugar no coletivo, assiste, na descida, o cortejo dos atrasados, ou daqueles que não calcularam direito a hora de sair de casa. Das vielas e escadarias é possível assistir dois ou três correndo, torcendo para que o ponto esteja cheio. Mas, se não conseguirem, dali a cinco minutos tem outro Monte Serrat subindo. São só na ida e na volta do trabalhador que os horários são assim, coladinhos.



Grande parte do itinerário é a
Rua General Vieira da Rosa.



Primeira licença
concedida para uma
empresa de transporte
público na cidade.
Com isenção de
qualquer imposto ou
taxa municipal,
durante três anos, bem
como para seus
depósitos, carros e
garagens, a sociedade
ficou obrigada a iniciar
o tráfego dentro de
sessenta dias e a
mantê-lo diariamente.
5 de julho de 1920.

“HOJE EM DIA ELES FAZEM CHÁ DE
BEBÊ, E PEDE FRALDA. EU NÃO DOU.
NO TEMPO QUE EU CRIEI OS MEU, EU
COMPRAVA AQUELAS FRALDINHA TÃO
BONITINHA DE PANINHO COM BICHINHO.
MAS HOJE NÃO QUEREM LAVAR O COCÔ
DOS FILHO. EU LAVAVA, E ACHAVA TÃO
BONITINHA, AQUELAS FRALDINHA TODA
ESTENDIDA NO ARAME.”

DAURA COELHO VELOSO

*Daura Coelho Veloso
tem 88 anos. Veio do
bairro Passa Vinte, na
Palhoça, para o Monte
Serrat no ano de 1940.*

OS CARDOSOS E OS VELOSOS CONVERSANDO NO ÔNIBUS

E O PIOR DO PROCESSO É QUE LÁ NA CAIXA D'ÁGUA TINHA UMA BOMBA. E TINHA HORAS ESTIPULADAS PARA NÓS DO MORRO IR BUSCAR ÁGUA. LÁ TINHA UM VIGIA QUE EM CERTOS MOMENTOS DO DIA ABRIA PARA A GENTE. DAÍ DESCIA TODO MUNDO COM SEUS BALDES PARA ENCHER. DEPOIS É QUE VEIO A TORNEIRA PELO LADO DE FORA.

CARLOS CARDOSO

Capa do livro “Memórias: A Caminhada de Gente que Faz e Conta sua História”. “Esperamos que esse seja apenas o começo de uma série de outras iniciativas nessa área. E, que a comunidade Monte Serrat saiba respeitar este material fruto de sua própria história.” - parte da Introdução.



— Olha que engraçado. Um tempo atrás, comentei com a minha irmã, de uma guria. Uma negra muito linda que vi no ônibus. Pra mim a mais linda aqui do morro. Acho até que ela é alguma coisa lá na Copa Lord. Algum destaque, sabe? Daí descrevi a guria para ela, e a minha irmã disse: “É nossa irmã”. “Que irmã que nada!” Falei para ela. E ela teimou comigo. Ai a gente estava na rua esses dias, e encontramos com a guria. Eu falei pra Kátia: “Oh é aquela menina que eu te falei outro dia”. Mas tu nem sabe o que ela fez. Foi falar com a menina, fiquei morrendo de vergonha. Ela já chegou na mulher dizendo que eu tinha comentado sobre ela, e pareceu até que eu tinha era falado mal da menina. Mas e não é que a guria era nossa irmã mesmo?

— Mas irmã, irmã?

— Não, não. É jeito de falar. A guria era nossa prima de segundo grau, e eu nem sabia.

No Monte Serrat, não é difícil desemaranhar os laços de parentesco entre os moradores negros. É só perguntar: tem algum Cardoso ou Veloso na sua família? Os mais novos podem ser mais limitados na resposta. Até onde sabe, Ana Cristina, 34 anos, é a terceira geração dos Cardosos na família. Mas quando seus avós chegaram ao morro com 12 filhos - entre eles Jaimiro Cardoso, pai de Ana - fazia pelo menos 60

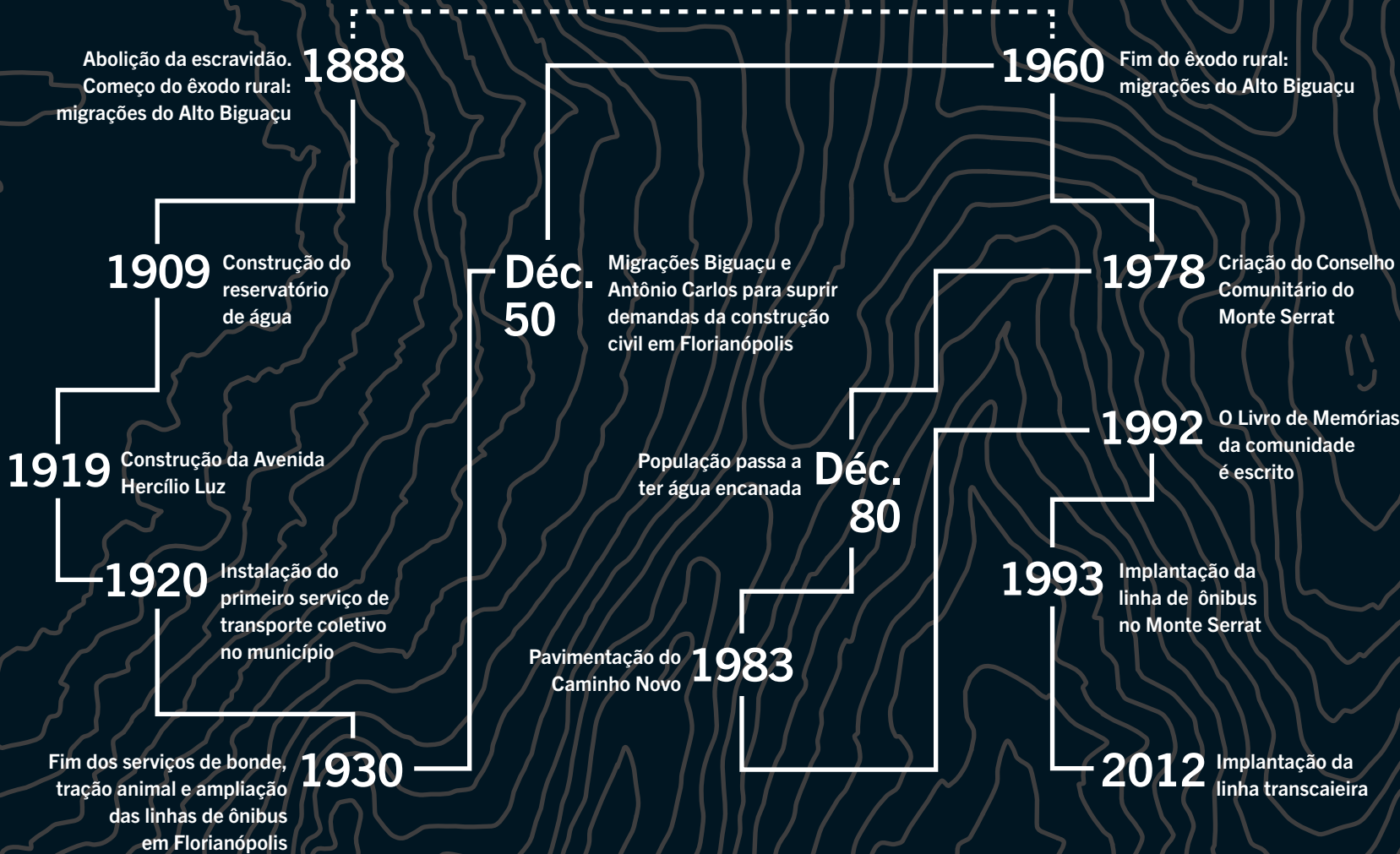
anos que os primeiros Cardosos haviam escolhido o Monte Serrat para morar. No livreto escrito em 1992, Memórias: A Caminhada de gente que faz e conta a suas histórias, de autoria da comunidade, dois homens são considerados os primeiros moradores da região: Manoel Zeferino Cardoso e Manoel Veloso.

Segundo a tese de doutorado de André Luiz Santos, “Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis”, há três fases na formação populacional do Monte Serrat: a ocupação do território por escravos fugidos e libertos, durante o século XIX, a expulsão da população negra das áreas centrais da cidade, com o objetivo de executar obras urbanas sanitárias e a migração de população negra empobrecida de Biguaçu e Antônio Carlos, em meio ao desenvolvimento da construção civil, nas décadas de 1950 e 1960.

Agora, se a pergunta é feita aos Cardosos e Velosos de idade mais avançada, a possibilidade de conhecer conexões mais completas entre os moradores é mais promissora. Nascida no morro, Elizabeth Ferreira, 68 anos, lembrou de uma vez:

— A minha avó era irmã do pai do Jaimiro Cardoso. O pai do seu Olavo Cardoso era irmão da minha avó, e o avô do Carlos Cardoso era irmão da minha avó também.

UM POUCO DA HISTÓRIA DO MORRO



Vista de dentro do ônibus
em seu itinerário.



P A R T E 2

A ABERTURA DO CAMINHO NOVO

No braço, a comunidade calça
suas ruas com lajota.



Na recepção do Colégio Marista, Nana Um
está sempre atenta ao movimento.

Sentada atrás do balcão de recepção do Colégio Marista, no Monte Serrat, Marli Berlamino Veloso, de 49 anos de idade, vai recebendo, a todo o momento, crianças e adolescentes com as mais diversas demandas. E para cada uma, Nana, como é mais chamada, tem a solução.

— Não tô conseguindo respirar direito Nana.

Diz um garoto de uns 12 anos, com a voz anasalada.

— Mas você já respirou assim...
— ruidosamente, Nana inspira o ar e o solta
— bem fundo?

— Já tentei.

— Tá, senta aí, que a Nana vai dar um
chazinho pra ti.

Anos atrás, ali mesmo, onde antes ficava a antiga Escola Estadual Lúcia do Livramento Mayvorne, Marli recebeu um apelido para o seu apelido, pela professora Uda Gonzaga: ‘Nana Um’. Ele serviu para diferenciá-la de Marlene Berlamino Veloso, ou ‘Nana Dois’, sua irmã gêmea. As duas nasceram no Monte Serrat, em 1967, quando ainda não havia água encanada, esgoto e ônibus. Mas nem por isso Nana Um acha que pode falar sobre como o ônibus chegou à comunidade. Para ela, quem sabe de tudo o que aconteceu são Uda, Teco e Padre Vilson.

Nana Um tem um pouco de razão. No início da década de 90, quem se encontrava a cada quinze dias dentro da igreja— das 19h, muitas vezes, até a meia-noite — para discutir as demandas da comunidade era

um grupo de aproximadamente 20 pessoas. Entre eles, Uda, Teco e Padre Vilson, mas também Valmor, Carlos, Rogério e Darcy.

Com um pouco de insistência, Nana Um, conta que no começo dos anos 80, conseguiu seu primeiro serviço: empregada doméstica. A casa que trabalhava era localizada no bairro Coqueiros e, para não precisar voltar todo dia para o morro a pé, dormia por lá nos cinco dias da semana. No sábado voltava para casa, na comunidade do Pastinho, no Monte Serrat, com os pés sujos de barro.

Nana Um deixou de sujar os pés, em 1983, quando as primeiras lajotas foram colocadas no morro. O acesso à comunidade era feito por duas vias: a Rua Nestor Passos, chamada pelos moradores como o caminho velho: íngreme, barrento, até certo ponto estrada, depois trilha, até hoje inviável para os mais velhos e cansativo para os mais novos, e a Rua General Viera da Rosa (via da igreja e da sede da Copa Lord), na época mais aberta, menos custosa, só que também barrenta. Foram as dificuldades vivenciadas pelos moradores, nos dois caminhos, que fizeram que membros do Conselho Comunitário procurassem o prefeito Cláudio Ávila, com a reivindicação de pavimentar a ‘General Rosinha’.

Antes disso, o caminho só era arrumado para o cortejo católico que subia a comunidade, todos os anos, em setembro, na festa da Nossa Senhora do Monte Serrat. João Ferreira de Souza, o Teco, lembra que a prefeitura só oferecia os materiais para a comunidade tapar os buracos, e retirar as pedras.

COMO EU ERA AINDA MUITO CRIANÇA, E TINHA MUITA ENERGIA, EU NÃO VIA PROBLEMA DE SUBIR E DESCER SEM O ÔNIBUS. MAS EU TENHO MUITAS RECORDAÇÕES DE ESTAR EM CASA E, QUANDO A MINHA MÃE IA AO SUPERMERCADO, ELA JÁ DEIXAVA AVISADO PRA GENTE FICAR ATENTO, POIS QUANDO AVISTASSE ELA LÁ NA METADE DO MORRO COM AS SACOLAS, EU E MEU IRMÃO DEVÍAMOS AJUDAR ELA A TRAZER AS SACOLAS PRA CIMA. ELA TRABALHAVA O DIA INTEIRO E DEPOIS IA PARA O SUPERMERCADO, ERA MUITO CANSATIVO PRA ELA, JÁ QUE A GENTE NÃO TINHA CARRO.

ANA C. CARDOSO

— *Eles mandavam o pessoal da comunidade arrumar o caminho. Aí nós arrumava as valas, e colocava terra. E vinha a procissão. Se chovesse, desse aqueles temporais, daí a vala não aguentava, e ficava desse jeito até o ano seguinte.*

E da mesma forma, em 83, a prefeitura atendeu parcialmente o pedido da comunidade: foi disponibilizada mão de obra só até a igreja, e depois era com os moradores. Foram fornecidas lajotas, tijolos, pá e marreta. O chamado foi feito pelo Conselho Comunitário que intimou a população do Monte Serrat a formar um grupo de trabalho para construir o caminho novo. A obra começou com a participação de 29 pessoas, entre mulheres, homens e crianças. Quem batia o ponto de manhã, à tarde ajudava o mutirão, e quem só descia o morro depois do almoço abria as valas pela manhã.

Para Teco, um senhor negro de 79 anos, não se conversa sobre ônibus sem se falar de estrada. Porque antes do asfalto, era lajota, e antes da lajota era barro e pedra. Ele avisa: “Pode deixar que depois vou chegar no ônibus. Só tô contando lá de trás, para depois chegar no assunto. Daí nessa época veio o Padre Augustinho para cá...”. Teco resgata a história do Monte Serrat sentado no seu sofá. Atrás de si, aponta para falar da cidade, do mar, do tempo em que o Morro da Cruz, era chamado de Morro do Pau da Bandeira. Explica que bem no alto desse morro ficava uma bandeira branca para avisar aos navegantes que haviam chegado na Ilha de Santa Catarina. À sua frente aponta para a janela que dá na rua para contar os causos que aconteceram bem ali em frente da sua casa, durante a obra de pavimentação realizada pelos moradores.

A cada etapa terminada, uma nova carga de material chegava ao morro. Teco lembra: “Em certo pedaço do morro os caras começaram a roubar os tijolos, eram pessoas que não sabiam que aquilo ali era o para bem deles. Daí tivemos que colocar um vigia, que também era da comunidade, para guardar os tijolos. Onde tinha tijolos, os vigias ficavam. Aí o Pedro Casemiro saía de madrugada com uma garrafa térmica, levando o café para a turma à noite”.

Em certo dia o caminhão da prefeitura não aguentou subir o morro, ainda barrento, e parou de levar o material até onde a obra estava. “O caminhão era tão podre que chegou uma hora que não subia mais para o ponto que a gente estava. Daí ficava o material lá embaixo e a gente buscava”, recorda.

Os moradores que acompanhavam a obra chegando à frente de casa, quando não podiam ajudar carregando lajota ou tirando barro do caminho, davam comida e preparavam café para os trabalhadores. “Quando a obra chegava na casa de um, era aquele que ia dar o café com bolinho. O outro dava a cachaça, o outro o vinho. No domingo era até meio dia, e a tarde a gente sentava na frente da casa do Zé Gago para conversar sobre a situação da obra”, descreve Teco.

Zé Gago, um senhor branco, era dono de uma das mercearias da comunidade e o responsável pela logística da obra. A última palavra era dele. Decidiu, por exemplo, que depois de arrumar o caminho do começo do morro até a escola, começaria o calçamento, só que de cima para baixo. Teco resgata a conversa que teve com Zé Gago, durante a obra:

— *Eu perguntei ao Zé Gago. Por que nós não começamos já calçar de baixo para cima. Ele falou: ‘Ca-ca-cala a boca, tu não sabes o qui-qui-qui tem que fazer, tu sabe é beber cachaça. Fica quieto, fica.’ Eu fiquei me perguntando, mas respeitei porque ele era o encarregado. Então começamos a calçar a rua de cima para baixo. Depois que ele veio me dizer que o medo dele é que o pessoal só quisesse fazer o calçamento até a sua casa. Tu achas que eu ia querer continuar subindo o morro se eu não sujava mais meu sapato aqui? E assim, como a gente começou lá de cima, o pessoal que mora lá tinha que continuar e a gente aqui debaixo também, pra ninguém no morro sujar mais o sapato.*

No dia em que a comunidade finalizou a obra, Teco colocou na cabeça que iria descer o morro rolando. Zé Gago não aprovou dizendo: “Qui qui qui isso é coisa de bêbado. Tu não vai fazer nada disso”. Dessa vez não ouviu o Gago. Colocou blusa e calça comprida e lá decima, na altura da escola, rolou ladeira abaixo. O primeiro carro que passou pelo morro, após a obra, fez o caminho inverso. “Para nossa surpresa era um táxi com uma motorista mulher”. Com Teco, só mais sete não desistiram até o final da obra.

Os taxistas que antes já subiam o morro, agora, quase não reclamavam ou negavam viagem com destino ao Monte Serrat. Em muitas casas, o pouco que se gastava com comida era calculado junto com o que seria desembolsado com o táxi, já que era esse o transporte que garantia que as compras chegassem às residências. Quando isso não era feito a pé.

22 de fevereiro de 1983,
Ata do Conselho Comunitário do Monte Serrat:

Falou-se sobre o mutirão da Caixa para cima e da Nova Descoberta. O Sr. Garibaldi sendo o líder comunitário falou que está continuando mais lento devido à dificuldade de locomoção do material, por que já está adiantado e a cada dia fica mais longe o material. Sr. Albertino Barbosa falou do mutirão da caixa para cima que está continuando mais que foi muito prejudicado pelas chuvas que estragaram uma boa parte, já chove há 42 dias.



Para quem tiver tempo, Seu Teco conta sua história no Monte Serrat.

CONJUNTURA POLÍTICA

19 de novembro de 1985, Ata do Conselho Comunitário do Monte Serrat:

O Sr Jorge dos Santos deu a palavra apresentando o candidato do PT, Jorge Lorenzetti, e sua vice Lucia. Ele falou sobre os problemas da sociedade, ele gostou muito da luta do conselho comunitário que venceu com muito trabalho digno. Falou sobre o salário, o trabalho, o desemprego, ele falou que se ele ganhasse a eleição iria se preocupar com o povo periférico, ele também disse que seu partido foi o único que se preocupou com o transporte coletivo.

No final dos anos 1980, o que era impensável para os moradores, começou a ser pauta do Conselho Comunitário: o transporte público. Para Carlos Cardoso, presidente do Conselho em 1985, as recentes conquistas da comunidade impulsionaram as discussões sobre transporte. “Para chegar os ônibus foi uma processo de muito luta, que passou pela consciência das pessoas do morro, de conquista de moradia, educação, saúde e espaço cultural. Para depois, muito depois de chegar a luz e a água, poder chegar o transporte”.

O primeiro prefeito eleito após ditadura militar, Edson Andrino (PMDB), assumiu a administração da cidade em 1986. Entre as propostas de governo estava criação de canais para melhorar a participação popular. Morador do Monte Serrat na infância, o professor da Universidade do Estado de Santa Catarina, Paulino Cardoso, Doutor em História com o trabalho Negros em Desterro - Experiências das populações de origem africana em Florianópolis, percebe que esse foi um momento que as populações se organizaram. “Há um movimento comunitário forte, e são esse movimentos que vão produzir grandes conquistas. São vários benefícios que são conquistados um a um, até chegar ao ônibus. Isso já no governo do Edson Andrino, um governo do PMDB, onde havia muitos petistas”.

Os governos municipais de Edson Andrino (1986-1989) e de Esperidião Amin (1989-1990) não atenderam a pauta de transporte público da comunidade. Foi só durante a campanha eleitoral de 1992 que a implantação de ônibus pareceu possível para membros do Conselho. Naquele ano, Sérgio Grando (PPS) e Afrânio Boppré (PT) lançaram, consecutivamente, candidaturas para prefeito e vice-prefeito. A coligação era a Frente Popular, com oito partidos (PPS, PDT, PT, PSB, PV, PSDB, PC do B e PCB) conseguiu elegê-los e cinco vereadores.

“E QUAL GOVERNO QUE VAI BRIGAR COM EMPRESA DE ÔNIBUS, PARA COLOCAR ÔNIBUS NO MORRO? SÓ O GOVERNO DA FRENTE POPULAR QUE TEVE A ATENÇÃO DE OLHAR PARA UMA POPULAÇÃO NEGRA, QUE TINHA UM VEREADOR NEGRO NAQUELE AMBIENTE. E ESTE VEREADOR NEGRO TEVE QUE BRIGAR DENTRO DO PRÓPRIO GOVERNO POPULAR PARA DIZER QUE AQUILO ALI TINHA QUE SER FEITO, POIS FOI COMPROMISSADO EM UM DISCURSO EM FRENTE À IGREJA DO PADRE VILSON. UM COMPROMISSO DE CAMPANHA ASSUMIDO NAQUELA LOCALIDADE”.

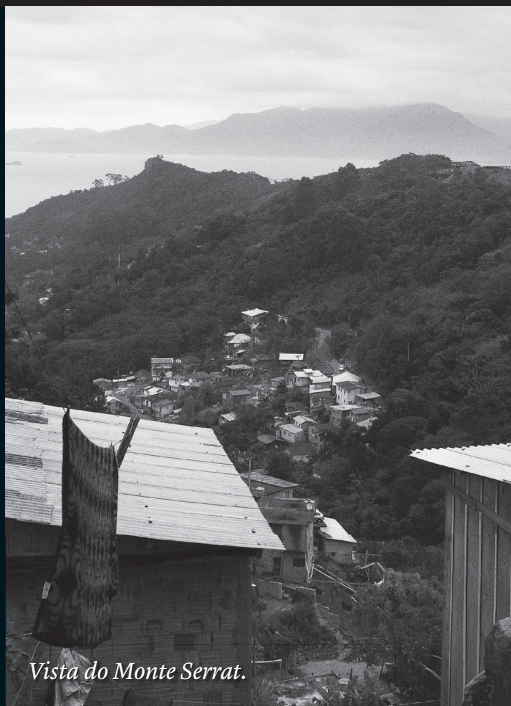
MÁRCIO DE SOUZA

Foi em um comício, em frente à igreja, que Sérgio Grando prometeu que colocaria ônibus no morro, se eleito. No governo, a administração municipal precisou negociar com a empresa de ônibus Transol para viabilizar a criação de linhas de ônibus.

O vereador Márcio de Souza, eleito pela Frente Popular em 92, relembra que havia resistência das empresas de ônibus em levar transporte público ao morro. O historiador Paulino Cardoso analisa que “era um momento em que as populações se organizaram, que elas passaram a exigir seus direitos. E também teve políticos de centro e de esquerda que deram vazão aos pedidos, e atenderam esses direitos. A história dos ônibus nos morros é a história de uma cidade que se encontra com ela mesma, e que é obrigada a reconhecer a presença de uma comunidade que tem direitos”.



Muro gráfido no Pastinho. “A Força da Luta de Zumbi e Mandela Vive em Nós!”



Vista do Monte Serrat.

“A GENTE CONQUISTOU A MORADIA, A ESTRADA, MAS DAÍ VIA QUE O PESSOAL MAIS ANTIGO NÃO CONSEGUIA DESCER. ENTÃO ERA PRECISO UMA POLÍTICA DE HABITAÇÃO E TAMBÉM UMA DE MOBILIDADE URBANA. TUDO QUE SE COMPRAVA LÁ EMBAIXO TINHA QUE SUBIR NO TÁXI OU NAS COSTAS. ERA UM GASTO IMENSO. O ÔNIBUS FOI UM GANHO DE SAÚDE, DE VIDA E ATÉ ECONÔMICO.”

CARLOS CARDOSO

A IGREJA E O CONSELHO

— Consegui uma data para outubro. A cerimônia vai ser lá na igreja de São José. Agora só falta perguntar para o Padre Vilson se ele pode.

Na sala de casa, Sandra planeja o casamento, com o pai de seus dois filhos. Para os católicos do Monte Serrat, casar com a bênção de Vilson Groh é uma honra. Mas o padre anda ocupado com seus trabalhos sociais. Ele administra o Instituto Pe. Vilson Groh, que visa promover a inclusão social e a cidadania.

07 de novembro de 1985, Ata do Conselho Comunitário do Monte Serrat:

Logo em seguida a reunião continuou com todos os membros da chapa I eleita combinando como queríamos a nossa missa de posse, então ficou combinado que ficaria assim: 1) nós ficamos do lado de fora e entraríamos com a Bíblia e as duas velas, o vinho e o cálice cantando o hino de nossa senhora do Monte Serrat com o Padre Vilson. Na oferenda cada membro levaria um objeto para representar o trabalho do conselho comunitário. O Carlos passaria o conselho para a chapa que foi eleita e cantaremos a música Pra que dizer que não falei das flores. Depois a bênção final e o Hino Nacional.

Sentado atrás de sua mesa, Groh, com seus óculos de grau arredondados, cabelo grisalho e pele branca, tenta, entre uma ligação e outra, explicar de que forma a comunidade foi impactada pelo ônibus: “Foi uma abertura” disse ele, uma abertura de possibilidades fora do morro e de consciência da comunidade.

O padre chegou ao morro, em 1983 e, como o padre anterior, continuou participando da organização de movimentos sociais, com a diferença que passou a morar no Monte Serrat. No livro, A sociedade sem exclusão do Padre Vilson Groh, Camilo Buss analisa: que: “Morando no Monte Serrat, o padre Vilson Groh estreitará seus laços com as comunidades empobrecidas dedicando-se exclusivamente à construção de movimentos sociais, reivindicando terra, moradia, melhores condições de vida para a população excluída das políticas públicas”.

Groh começa a participar das reuniões do conselho e, no final da década de 80, sugere uma nova organização para a entidade, que aprova as propostas. São criadas, então, seis comissões – saúde, educação, ruas, igrejas, cultura e lazer e produção e abastecimento – e, para cada uma, são escolhidos representantes da comunidade. É nesse contexto que a presença da igreja nas decisões comunitárias fica ainda mais forte.

Escadaria na comunidade do Monte Serrat.



Igreja Católica do Monte Serrat.

A criação do Conselho Comunitário

A primeira eleição aberta para os moradores, com o objetivo de escolher a diretoria do Conselho Comunitário do Monte Serrat, ocorreu em 1985. Anteriormente houve apenas uma escolha entre poucas pessoas: no dia 18 de fevereiro de 1978, data de fundação do Conselho. De acordo com a ata de criação do Conselho, a primeira reunião contou com a presença de 45 moradores e de um assessor da prefeitura municipal, que orientou “a sistemática da eleição, segundo a determinação da Supervisão Estadual de Ação Comunitária”.

No artigo, Um breve (re)olhar aos movimentos populares de Florianópolis, os autores Andriu Nobre e Eduardo da Cunha afirmam que a formação de Conselhos Comunitários, na década de 70, fez parte de uma série de políticas do governo militar, com o intuito de controlar possíveis focos de oposição política, que estavam surgindo espontaneamente no Brasil. No ano de 1977, foi criado em Santa Catarina o SAC (Superintendência de Ação Comunitária) que tinha como objetivo fundar entidades comunitárias, ou cooptar líderes comunitários.

Acervo da Transol.
Modelo dos primeiros
ônibus que subiram os
morros da capital.



P A R T E 3

A PRIMEIRA VIAGEM

O Maciço recebe a primeira linha de ônibus em 1993.

Nos dias que antecederam a inauguração do ônibus, os moradores do Monte Serrat foram percebendo que a promessa de campanha estava perto de ser cumprida. Os trabalhos para colocar asfalto na estrada começaram a ser intensificados e Uda Gonzaga estava reclamando da pressa da prefeiturapois, como membro do Conselho, sabia a hora, o local, e quem viria para a inauguração. Mas até a manhã do dia 13 de agosto de 1993, o dia da inauguração,a maioria dos residentes da comunidade não sabia que perto das 19 horas subiria o primeiro ônibus no morro. Até porque o evento estava marcado para as 17h, e atrasou, e também não foi só um veículo que subiu, e, sim, dois. O convite veio por meio de um carro de som que passara avisando:o local - Rua Nestor Passos, via que dá acesso ao morro -,o horário e a presença do então presidente do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva.

Um dia antes da linha 113 – Monte Serrat começar a operar no morro, a servidora pública do antigo Núcleo dos Transportes, hoje, Secretaria de Mobilidade do município, havia passado a tarde, e parte da noite, cortando o que chama de ‘mosquitinhos’, os primeiros quadros de horário da linha. Foram milhares, ela lembra. Naquela noite Conceição saiu com a mão doendo de tanto cortar papel.

“Mosquitinhos”, os primeiros quadros de horário da linha.

Empresa Transol			
Quadro de horário da linha 113 — Monte Serrat			
DIAS ÚTEIS		SÁBADO	DOMINGO
06:00	15:00	06:00	06:00
06:30	16:00	07:20	07:20
07:00	16:30	08:40	08:40
07:30	17:00	10:20	10:20
08:00	17:30	11:40	11:40
08:30	18:00	13:00	13:00
09:00	18:30	14:20	14:20
10:00	19:00	15:40	15:40
10:30	19:30	17:20	17:20
11:00	20:00	18:40	18:40
11:30	20:30	20:00	20:00
12:00	21:00	21:20	21:20
12:30	22:00	23:00	23:00
13:00	22:30		
13:30	23:00		
14:00	23:30		
14:30			

O GRANDO VIU DUAS COISAS. O QUE NÓS PAGAVA DE TÁXI, PRA TRAZER A GENTE AQUI EM CIMA, ERA UM DINHEIRO QUE PODERIA PERMITIR QUE A GENTE TROUXESSE MAIS UMA SACA DE FEIJÃO, UMA DE ARROZ, AÇÚCAR DO MERCADO. DEPOIS DO ÔNIBUS, COMEÇOU A SOBRAR DINHEIRO NO BOLSO.

João Ferreira de Souza, o Seu Teco, é um dos moradores mais conhecidos no Monte Serrat. O senhor foi um dos membros da comunidade que pavimentou com lajotas os antigos caminhos de barro do morro.

TECO

Para os que não moravam no Monte Serrat, aquele foi o dia em que o ônibus subiu o morro pela primeira vez. Para a comunidade, aquele era o dia em que a frente da casa da dona Maria virou ponto de ônibus, que o barulho do motor do veículo passou a compor a trilha sonora do cotidiano, que Ana Cardoso começou a sair do morro, com as amigas, para passear, que Jaimiro deixou de levar consigo um pano para limpar as botas antes de chegar ao quartel e que os moradores diminuíram a utilização de táxi. A passagem da linha 113 começou custando cerca de 70 centavos, o salário.

“O morro estava em festa”, lembram aqueles que às 17h já esperavam em suas casas, na Nestor Passos ou na escola, a primeira viagem da linha. Na época, o moradordo Monte Serrat, Babyton Santos, tinha 10 anos, mas lembra “direitinho” da agitação do morro, da ansiedade de ver o ônibus subindo. Ao ler, 23 anos depois, a notícia que saiu no dia seguinte à inauguração, no jornal O Estado, Babyton se espantou: “Olha só, ‘Lula provoca primeiro atraso’. Naquela época era bem pior”. Na página ao lado, a manchete dizia: Amin chama candidato de “Vadio”.



A um ano da eleição, Lula estava em pré-campanha presidencial. Os jornais O Estado e Diário Catarinense acompanharam a agenda do pré-candidato em Florianópolis. Além de inaugurar a linha no morro, ele participou de um almoço com empresários da ADVB-SC (Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil) e deu entrevistas para a televisão. No mês de agosto, as pesquisas colocavam o deputado em primeiro lugar na corrida ao Palácio do Planalto, como publicou o jornal O Estado: “O presidente nacional do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, é hoje o nome preferido dos eleitores para a sucessão de Itamar Franco em 1994”



Em frente ao colégio Lúcia do Livramento Mayvorne, a diretora esperava com algumas crianças a chegada dos micro-ônibus. Nas mãos, cartazes que foram produzidos com ajuda das professoras, para agradecer o novo transporte. O atraso de mais de uma hora fez Uda mudar de planos. Desceu com os alunos para a Rua Nestor Passos: “As crianças tudo correndo, e eu dizia: quem quer ver o ônibus me acompanha” conta.

Lá embaixo, dois micro-ônibus com capacidade para 31 pessoas cada, esperavam o último passageiro, Lula, que estava atrasado. Os ônibus, ainda com lugares vagos, já traziam a “cúpula dos partidos que davam apoio ao prefeito Sérgio Grando”, como os jornais na época chamaram Luci Choinacki (Deputada Estadual de Santa Catarina), Márcio de Sousa (Vereador de Florianópolis), Afrânio Boppré (vice-prefeito) e Nêvio Carvalho (Gerente do Núcleo de Transportes de Florianópolis). Para as crianças entrarem nos ônibus, Uda precisou bater o pé. Ela lembra que a irmã Marli, presente na inauguração, comentou:

— Uda, tu quer aparecer?

— Nós lutamos por esse ônibus. Por que não podíamos entrar? — Disse a aposentada.

No dia seguinte, o Diário Catarinense publicaria: “Na viagem inaugural estavam as cúpulas dos partidos que dão apoio a Grando e quantas crianças couberam nos dois ônibus que farão o transporte”.

Uma parte do Conselho Comunitário decidiu ficar em casa no dia da inauguração. E não foi por divergência política aos que estavam visitando o morro. Assim como Uda repete há anos “Eu sou Esperidião”, Darcy revela, a quem perguntar, os quatro pilares de sua existência:

— *Eu vou morrer PT, vou morrer Avaí, vou morrer católica, vou morrer negra.*

Darcy de Brito decidiu ficar em casa, pelo seguinte motivo: “Quando a gente trabalha na comunidade, não é muito bom se meter em política, sabe? A gente não gosta de se envolver. O Conselho Comunitário nunca se meteu em política. Tinha algumas pessoas como a Uda que se envolviam. Mas a gente, para não entrar em conflito com as outras as que estavam no Conselho, não nos envolvíamos”.

Assistindo a espera pela subida dos micro-ônibus, o também simpatizante do PT, Carlos Cardoso, ouviu sua vizinha dizendo: “Vai Carlos, vocês lutaram tanto”. Ela incentivava que o membro do Conselho pedisse um lugar na primeira viagem da linha. “Mas isso foi uma posição que nós tomamos, era uma conquista de todos, não a conquista de uma pessoa. Nós tínhamos uma resistência com isso. Eu estava lá, mas não entrei no ônibus. Era um momento de afirmação política do poder. E eu não quis fazer parte desse circo”, justifica Carlos.

A presença de políticos não era exclusiva daquela data, no Monte Serrat. Assim como Grando e Afrânio já haviam subido o morro para pedir votos, Jorge Bornhausen, Ângela e Esperidião Amin marcavam presença no morro desde a ditadura militar (nos anos 70, Amin foi prefeito de Florianópolis e Bornhausen governador de Santa Catarina). Em 1992, quando a cidade elegeu Sérgio Grando e a Frente Popular, a continuidade da administração municipal da cidade por partidos conservadores foi rompida. Mas esses políticos continuaram contando com moradores da comunidade, que os ajudaram a reverter a situação nas eleições seguintes.



Darcy é uma das fundadoras do Conselho Comunitário do Morro.



Uda Gonzaga
sempre morou na
comunidade
Monte Serrat.

Hoje, Uda diz que não faz mais campanha, não tem mais força para isso. Mas por muitos anos chegou a bater de porta em porta, no morro, pedindo votos para o “professor” e outros candidatos. Nos anos 80, a escola Lúcia do Livramento Mayvorne era a única seção eleitoral do morro. Carlos Cardoso lembra que “quase que 100% dos votos eram do pessoal da direita, os cabos eleitorais eram fortíssimos”.

Conversa entre moradores do Monte Serrat:

— Nós corríamos com aquele pessoal da Ângela que vinha distribuir peixe e feijão. A gente dizia para eles: nós não comemos de quatro em quatro anos. Mas as senhoras, principalmente lá do pastinho, diziam: deixa, vocês não dão nada, pelo menos eles dão. E daí nós pensávamos: pô, não adianta a gente ir para esse enfrentamento com essas mulheres, então a gente começou a dizer pega e vota contra.

— Eles sempre trabalhavam em cima da nossa miséria.

— Era uma pobreza extrema. Tinha hora que dava vontade de chorar, me emociono até hoje.

Névio Carvalho, Gerente do Núcleo de Transportes de Florianópolis em 1993, observa que a escolha do dia do mês para realizar a inauguração não foi feita por acaso. “Na época a gente brincava muito com o prefeito, o Grando, porque a gente marcava as inaugurações somente para o dia 13, eu era ligado ao PT, tanto que a primeira linha foi a 113. Então, em dia de inauguração de linha, a gente brincava perguntando para o Grando: Sabe que dia é hoje? Ele olhava e dizia: ‘Me pegaram de novo’. Ele era do PPS”, explica Névio.

Ao chegar ao ponto final, Lula decidiu descer o morro a pé. Naquele dia, os políticos fariam o caminho morro abaixo tão conhecido pelos moradores. “Ele foi entrando nos botecos, tomando uma cachacinha, conversando com as pessoas. Foi lindo”, lembra Afrânio Boppré. Ao lado do pré-candidato à presidência, o prefeito Grando acompanhou a descida do morro. “Teve uma hora na descida do morro que bateu uma sede. Daí entramos no bar e pedimos um Samba (cachaça com Coca-cola)” acrescenta Grando.

As primeiras conversas com os administradores das empresas de ônibus, para a implantação de 11 linhas de ônibus no Maciço do Morro da Cruz, mostraram certa resistência do setor à proposta de Grando. Enquanto na cidade, e até nos morros, falava-se que o novo transporte ajudaria o tráfico de drogas, os empresários

acreditavam que as novas linhas iriam competir com as que tinham no itinerário as vias de acesso à cidade para os moradores do Monte Serrat, Morro do Céu, Morro da Mariquinha, Morro do Horácio e outras comunidades “Os empresários diziam pra nós que, se a gente colocasse o ônibus no morro, as linhas que passavam ao pé do morro, começariam a ter menos gente usando, e que por isso iriam sair no prejuízo.

A imposição da prefeitura para a criação da linha deu início aos trabalhos de pavimentação no Monte Serrat e a compra de micro-ônibus com sistema especial de freio, para atender a particularidade das linhas de morro: a inclinação acentuada. “E não eramos mesmos micros que faziam as linhas circulares da cidade, eram diferentes, específicos para o transporte no morro”, descreve Névio Carvalho.

Apesar da expectativa da comunidade em receber o ônibus no morro, no dia 25 de agosto de 1993, 12 dias após a inauguração, a ata de reunião do Conselho Comunitário registra que: *Eronildo falou que os motoristas estão contentes, porém houve um imprevisto e os motoristas talvez não queiram mais subir, se houver algo que possa vir a emperrar os bons serviços dos mesmos, e ainda colocou que as crianças falaram que Dona Uda falou para eles não pagassem a passagem.*

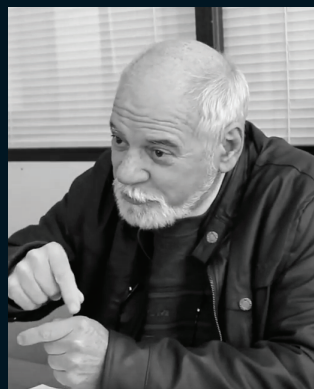
O imprevisto citado na ata aludia à intimidação de pessoas envolvidas com o tráfico de drogas na comunidade. Os moradores relatam que, nas primeiras semanas de circulação do transporte coletivo, pedras eram jogadas em direção ao ônibus. A solução, para o medo dos motoristas, foi a colocação de pessoas do Conselho nas viagens noturnas, como explica Teco: “Das nove da noite até as onze da noite, eu, o Valmor e o Rogério ficávamos dentro do ônibus para dar coragem para os motoristas fazer a volta no ônibus. Até que aos poucos a gente foi mostrando que não era para jogar pedra no ônibus”.

Só no primeiro mês de funcionamento a linha transportou 16 mil passageiros. Em dezembro de 1993, o número chegou a 28 mil, segundo a divisão de estatística e informática do Núcleo de Transportes. O número de passes estudantis resgatados pela empresa Transol também aumentou: em maio foram 589 mil passes recolhidos e, em setembro, 641 mil. Sendo que, de maio até setembro, foram criadas as seguintes linhas: Circular Leste, Mont Serrat, Serrinha e Morro do 25.

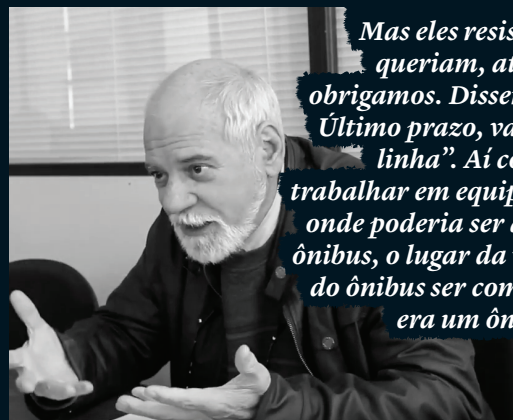
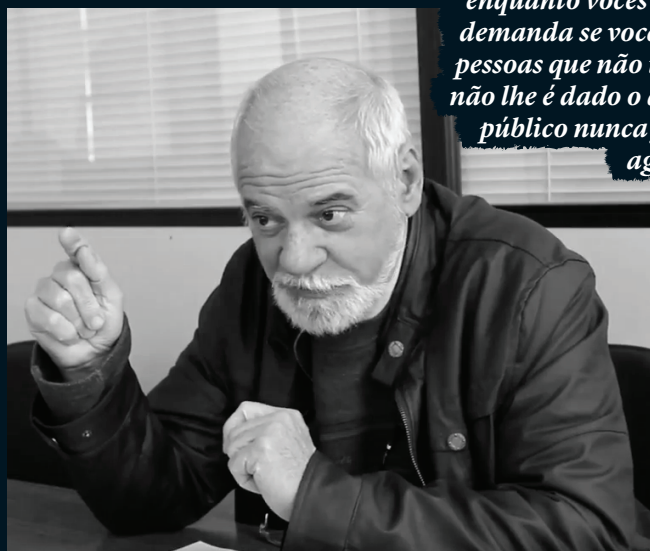
O infográfico ao lado ajuda a visualizar tais números, de 1993 até 1995.

ENTREVISTA COM EX PREFEITO SÉRGIO GRANDO

A primeira resistência de empresário: “Se a gente colocar o ônibus no morro, as linhas que passam ao pé do morro começam a ter menos gente, menos gente usando vai dar prejuízo”. Olha só o que eles falavam pra nós” Então, para eles, aquelas linhas que passavam pela Mauro Ramos, Saco dos Limões, toda região, né, que era o pé do morro teriam menos usuários, e assim eles teriam prejuízo. E nós dizíamos o quê? Dizíamos, quando chamávamos os empresários pra reunião:



“Olha, na verdade essas pessoas, elas não estão utilizando o transporte porque não há transporte, Eles são novos clientes, são demandas da sociedade, vocês como empresários tem que ver isso. Porque enquanto vocês não estão vendo que há demanda se vocês colocarem ônibus, há pessoas que não usam o transporte, pois não lhe é dado o direito de usar. O poder público nunca fez essa concessão, mas agora há essa concessão.”



Mas eles resistiram e não queriam, até que nós os obrigamos. Dissemos: “Olha, Último prazo, vamos fazer a linha”. Aí começamos a trabalhar em equipe né. Vimos onde poderia ser a parada do ônibus, o lugar da volta, o tipo do ônibus ser comprado, que era um ônibus menor.

Sérgio Grando foi prefeito de Florianópolis de 1993 a 1996, eleito pela Frente Popular. Sua atuação no Executivo da cidade foi essencial para que linhas de ônibus fossem implantadas nos morros do maciço do Morro da Cruz. Grando faleceu no dia 31 de dezembro de 2016. A entrevista realizada para esta reportagem ocorreu em junho de 2016.

NÚMERO DE PASSAGEIROS NA LINHA MONTE SERRAT

*PASSAGEIROS TRANSPORTADOS PELA TRANSOL NOS TRÊS PRIMEIROS ANOS DE IMPLANTAÇÃO DAS LINHAS NO MORRO.

Agosto Setembro Outubro Novembro Dezembro

1993

Foram criadas as linhas Mont Serrat (agosto), Serrinha (setembro), Morro do 25 (dezembro).



TOTAL DE PASSAGEIROS NO ANO:



20.048.113

1994

Foi criada a linha Morro do Quilombo (novembro).



TOTAL DE PASSAGEIROS NO ANO:



22.560.870

1995

Foram desativadas as linhas Cidade Univ. Carvoeira, Cidade Univ. Pantanal, Saco dos Limões, Pantanal M.R e Trindade. As linhas Volta ao Morro entraram em operação (setembro).



TOTAL DE PASSAGEIROS NO ANO:



27.727.317



O ônibus 764 descendo o morro, ao lado do colégio Marista.



PARTE 4

TRANSPORTE E COMUNIDADE HOJE

O funcionamento da linha Monte Serrat nos dias atuais.

CARLOS EU ESTOU AQUI COM UMA JORNALISTA. ELA TÁ FAZENDO UM TRABALHO SOBRE O MORRO. TU QUE LEMBRAS MAIS DAS COISAS DAQUELA ÉPOCA PODIA CONVERSAR COM ELA? SABE COMO QUE É NÉ, ELA É UMA IRMÃ DE COR.

ANDERSON FERREIRA EM TELEFONEMA PARA CARLOS CARDOSO

No Monte Serrat, morador te analisa e não esconde que tá te filmando e vendo se pode confiar. “Olhando assim, bem no teu olho, acho que tu é uma boa pessoa”, disse um morador, me fitando. E, quando ele confia, conta tudo à repórter, que sente na pele o motivo da confiança. “O Anderson sabe que eu não me abro muito, como tô fazendo agora”. Negro não quer mais ter sua história contada por brancos. Negro quer ter um discurso sobre si mesmo, e é por isso que, no Monte Serrat, uma comunidade construída por negros e ainda habitada por uma maioria negra, irmão de cor ajuda irmão de cor.

Logo de cara, às 8h da manhã, leram-me. Eu que jurava que iria passar despercebida, na primeira manhã que acordei moradora do morro, fui seduzida pelo cheiro do pão novinho. A janela da quitinete que residi por três meses (março, abril e maio de 2016), no Alto Caieira, comunidade que divide a Rua General Vieira da Rosa com o Monte Serrat, dava para os fundos do Ponto Final Mercado, Padaria e Açougue. Enquanto pesava o pão o atendente me falou: “Tu não é daqui, né?”. Pois é, não era, e mesmo explicando para os entrevistados que havia nascido na parte continental de Florianópolis, me perguntavam nome e sobrenome da mãe e do pai. Era preciso investigar se tinha algum parentesco meu na comunidade. Mas quando não chegavam em parentesco algum eu revelava, assim como se quisesse consolá-los: “Sabe a família do Seu Dascuia? Eles são dos Anjos também”. Era um alívio. (Altamiro José dos Anjos é morador da comunidade do Morro do Céu, próxima ao Monte Serrat).

Nos pontos de ônibus, dentro da comunidade, a conversa pode começar com uma reclamação: “Esse ônibus está atrasado, né?” ou com um pedido de

informação: “Sabe que horas ele passa?” e, pronto, uma brecha para um dedo de prosa é aberta, e é preciso aproveitá-la antes de o ônibus chegar. É verdade que em qualquer ponto de espera da cidade isso pode acontecer, mas nesses três meses de Monte Serrat, percebi que o dedo pode virar mão, braço, pescoço, pois se na segunda-feira são cinco minutos de conversa, na quarta o assunto perdura e pode até alcançar outras pessoas, ganhar contornos, ter início e meio, basta querer ouvir ou participar.

Com os olhos fixos no celular, Flávia - uma jovem de estatura baixa, cabelos pretos, compridos, ondulados, pele branca -, espera o ônibus perto das 10h da manhã. Quando pergunto se está no ponto há muito tempo, responde que não, mas acha que daqui a pouco passará um. Alguns segundos depois, ela aproveita a brecha:

— Você está indo trabalhar?

— Na verdade eu fui demitida esta semana.

— Nossa, eu também. Te perguntei, porque tô procurando um novo emprego. Tô indo agora ali no Sine. Sabe?

O Sistema Nacional de Emprego, localizado na Avenida Mauro Ramos, ao pé do morro, é o destino de Flávia, que aos 16 anos procura uma vaga. Ela precisa ajudar nas contas da casa. Mora com o marido, uns sete anos mais velho, com a irmã e sua namorada, no Alto Caieira. A escola largou no ano passado, mas quer voltar. Só que passar três anos dentro de uma sala de aula não está em seus planos, ela prefere fazer um supletivo e acabar logo o ensino médio. Mas quando eu disse que estava na universidade, Flávia revelou que pensava em ser psicóloga.

— E você trabalhava com que?

— *De auxiliar de cozinha, mas só fiquei um mês.*
— *Responde Flávia.*

Não teve justa causa, era só um período de experiência, que não foi aprovado pela dona da empresa. O problema era que o marido da patroa não saía de perto de Flávia, na cozinha. Em um mês viraram amigos. “Eu não queria nada com ele, já sou casada há um ano”. Ela não sabia qual era a intenção do homem, mas gostava mesmo era de conversar com ele. Só que no final do mês a patroa chegou para ela e disse: “Flávia, não precisa mais vir não”, sem dar explicação nenhuma.

— *É tão triste quando uma mulher faz isso com outra, né?*

— *É verdade. Ela devia se resolver com o marido dela. Se ele se aproximou de mim, vai fazer o mesmo com outra.*

Naqueles dias, o repentino frio rigoroso estava dando uma trégua. Então, ao invés do vento cortante, da neblina que não dissipava antes das 9h da manhã, ali no ponto final do Monte Serrat, aonde Flávia contava seus planos para vida, as aberturas de sol deixavam o tempo agradável. Um vira-lata preto e corpulento aproveitava o pouco movimento de carros para deitar no meio da rua, que em seus extremos abriga o Bar Ponto Final, o Ponto Final Mercado, Padaria e Açougue e o Ponto Certo Materiais de Construção.

A linha Monte Serrat passou a ter seu ponto final no Alto Caieira, em 2005 (dois anos antes o número da linha 113 foi modificado para 764), para atender uma população que há 23 anos não existia. Segundo o membro da atual gestão do Conselho Comunitário do Monte Serrat, Anderson Ferreira, alguns moradores já foram à secretaria reclamar sobre a superlotação da linha 764 – Monte Serrat em detrimento da utilização da mesma por duas comunidades. “Mas ainda é um entrave para nós”, ressalta Anderson.

Em 2012, foi inaugurada a linha 191 – Transcaieira, uma linha circular que, nos dias úteis, contém sete horários com saída do Ticen (Terminal de Integração do Centro) e oito com saída do Titri (Terminal de Integração da Trindade). Nos sábados e domingos a linha não opera. De acordo com a presidente do Conselho Comunitário do bairro Caieira, Rosemeri Melo de Souza, a comunidade necessita de mais horários da linha 191. “Recebo muitas reclamações sobre os poucos horários da linha e sobre o mau funcionamento da linha Monte Serrat”, relata a presidente.

Pedir uma carona no ônibus é comum no Monte Serrat. Tem quem entre no ônibus pedindo: “Motorista me dá uma caroninha até a escola?”, já outros permanecem na parte da frente do ônibus e desembarcam pela porta da frente. Quando estão em grupos, as crianças e adolescentes pedem para o motorista: “Abre a porta de trás?”.

Todos os dias pela manhã, uma senhora e seus cinco filhos pequenos pegam carona no ônibus até a o terminal do centro para trabalhar. Um dia, a mulher contava moedas no ponto de ônibus.

— *Quanto deu mãe? – Pergunta uma das filhas.*

— *160.*

— *Quanto a gente vai ter que fazer?*

— *100.*

Dias atrás, eu havia embarcado no ônibus com a mesma família. Estava indo ao Mercado Público para entrevistar uma pessoa que já não morava mais na comunidade. Enquanto a linha ia descendo o morro, parando nos pontos, a parte da frente do ônibus ia ficando cheia, mas a parte de trás continuava com bancos vagos. Algumas pessoas que entravam no ônibus e tinham dificuldade de passar a catraca começaram a reclamar verbalmente contra a permanência das pessoas, não idosas, naquele local. A mãe e seus filhos ficaram na frente, até a insistência dos passageiros ficar insuportável. A senhora pagou sua passagem e da filha mais velha, e passou a catraca. Meia hora depois, a filha

mais velha, e passou a catraca. Meia hora depois, a filha mais velha oferecia um saquinho de balas de goma para mim e meu entrevistado, no Mercado Público.

No terminal do centro, de onde parte a linha em direção ao Monte Serrat, às 18h40, é a condução do trabalhador e do estudante de volta para a casa. A fila é quilométrica. Quando o veículo abre as portas, as senhoras ocupam o fundo do ônibus. São elas de pele negra, e aparentam uns 50 anos. Compartilham semelhanças essas senhoras. Todas estão com seus cabelos amarrados para trás, vestidas com camisetas brancas, ou azuis bebê, calças azul-marinho ou pretas. Se o ônibus atrasa, elas já sentam cheias de assunto para discutir, porque sabem que é um absurdo o frequente atraso de vinte minutos, toda semana.

Sobre os atrasos frequentes, motorista e cobrador não sabem explicar. Então os trabalhadores se estranham, levantam a voz um com outro, se dividem entre frente e fundo de ônibus. Na frente, eles falam: “Não podemos fazer nada, a viagem que atrasou não era a nossa. Não sabemos o que aconteceu”. No fundo, elas comentam entre si: “É porque é linha de morro, então eles não estão nem aí”. No terminal, o fiscal desaparece, não é encontrado, fica de longe assistindo alguns passageiros acordar da espera demasiada e reclamar em voz alta. O SAC (Serviço de Atendimento ao Consumidor) do Consórcio Fênix informou que não há queixas referente a esse horário no sistema.

Nos fins de tarde, dentro do ônibus, dá de contar as crianças nos dedos. A maioria está em casa com os irmãos, ou esperam as mães chegaram do trabalho, nas casas dos vizinhos. Os horários entre as 17h30 e 18h são os que lotam de crianças no ônibus e na rua. É hora de voltar para casa, tanto para quem estudou a tarde toda, como para quem participou do projeto de contra turno do colégio Marista.

Em uma manhã, quando uma das aulas do projeto foi suspensão, Emily, de 11 anos, foi incumbida de me mostrar a estrutura da escola, já que Nana 1 dificilmente sai de seu posto, pois é muito requisitada pelos alunos.

— *Emily mostra a escola para essa menina. – Fala Nana.*

— *Oi. Tu conseguiu achar uma casa? – Me pergunta Emily.*

— *Oi. Consegui sim. Mas como tu sabe que eu estava procurando uma casa?*

— *Um dia tu perguntou na rua, para mim e para a minha mãe, se a gente sabia onde tinha uma casa para alugar.*

Já fazia dois meses e meio que estava no Monte Serrat quando reencontrei Emily. Nos meses de janeiro e fevereiro havia procurado casas para alugar batendo nas portas e para as pessoas que passavam na rua. Apesar das opções que encontrei dentro da comunidade, acabei escolhendo morar no Alto Caieira, pois a quitinete ficava bem em frente ao ponto final da linha Monte Serrat, e parecia uma boa localização para começar a apuração.

Emily mora em frente à escola, mas é dentro da instituição que fica de manhã e à tarde. E é com essa apropriação do espaço que a menina vai mostrando o colégio. No começo abre as salas onde os professores ministram aulas, até que explico que não gostaria de atrapalhar todas as aulas. Apresenta a coordenação, a cozinha, a biblioteca, o ginásio. E me conta das vezes que saiu correndo do banheiro por causa do medo que tem da Maria Sangrenta. Quando explico o meu trabalho sobre os ônibus, ela estampa no rosto uma expressão de surpresa. A garota não fazia ideia que nem sempre o ônibus subiu no morro:

— *E você nasceu aqui no Monte Serrat?*

— *Eu nasci aqui, e minha mãe também.*

— *E ela te contou que não tinha ônibus aqui há uns vinte anos atrás? – Emily me olha impressionada com a informação.*

ATRASSO DE ÔNIBUS É RECORRENTE NA LINHA DO MORRO



Às 16h45 na fila do ônibus uma passageira, indignada com o atraso, reclama:

— Tem fiscal pra bonito! Tamo acostumado com essa palhaçada. Eles sempre deixam a gente na mão, e não dão uma satisfação, nem fazem nada. Não sei pra que que tem fiscal aqui. Fiscal é pra bonito.

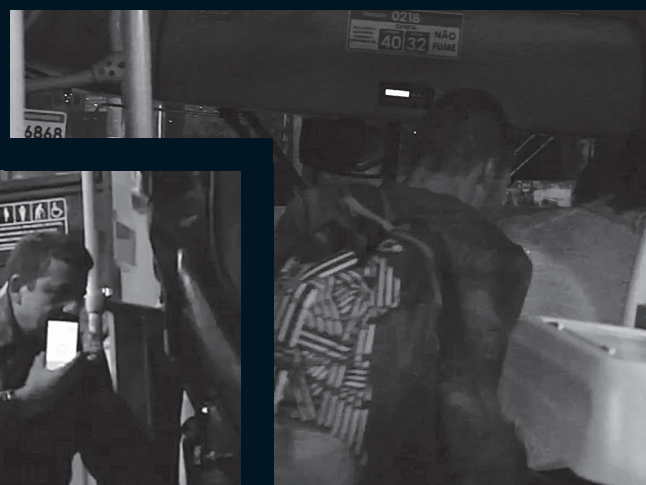
Só 25 minutos depois o ônibus chega, mas as reclamações continuam dentro do ônibus.

E o povo se une pra falar? Ninguém falou, a única pessoa que falou foi eu. Ninguém fala nada também, o pessoal é muito calado... Muito calado. Eu falo mesmo, comigo não tem palhaçada. Se to pagando o preço que eles colocaram, quero ônibus digno, no mínimo no horário certo. Não vai ter ar condicionado no Monte Serrat nunca, a gente já sabe. Então, no mínimo, vamos cumprir o horário, como todo trabalhador.



Perto das 17h a fila de onde parte a linha Monte Serrat, no terminal do centro (TICEN), já é quilométrica. Os atrasos em alguns horários são comuns. A comunidade então espera na fila pelo próximo horário, o número de pessoas vai aumentando. As reclamações ficam entre as conversas dos passageiros, ali mesmo na fila ou dentro do ônibus, durante a viagem. É comum que os moradores cheguem em uma mesma conclusão: “É porque é linha de morro”.

ÔNIBUS PARA DE FUNCIONAR NO MONTE SERRAT



Aos poucos o ônibus vai esvaziando, mas dessa vez o ônibus ainda não chegou ao ponto final da linha Monte Serrat. Lá na curva do morro, onde está a Escola Marista, o ônibus parou de funcionar. Eram 20h55 de um domingo frio.

Motorista e cobrador tentam fazer o motor ligar, mas não adianta, o veículo havia os deixado na mão mesmo. Daí os moradores saem do ônibus, e sem outra opção, andam até suas casas. Sobem o resto do morro a pé, já que o próximo ônibus só sai do Terminal em uma hora.

NO COTIDIANO DA ILHA



O MONTE SERRAT AINDA É TRANQUILO, SÓ É RUIM AQUELE TRECHO DEPOIS DA IGREJA, QUE É MUITO APERTADO. ALI DÁ MUITA BATIDINHA. TEM MUITO MOTORISTA VELHO, QUE DIRIGE PAPA-FILA MAS NÃO TEM CORAGEM DE PEGAR UMA LINHA DO MORRO.

JOSÉ EUGÊNIO

“Esses novinhos são fodas”, disse uma passageira sentada nos últimos bancos do ônibus para as suas companheiras do fundão. O ‘novinho’ a quem se referia era um cobrador que não tirava os olhos do celular durante a viagem da linha Monte Serrat. O ônibus está lotado, é final de tarde, e ele manda fechar a porta quando ainda tem gente descendo. Uma mulher que está em pé, começa a relatar que dias atrás um outro novinho quase fechou a porta no rosto do seu filho. Logo mais todo o fundo do ônibus começa a observar as ações do cobrador. Percebem que nem boa tarde ele dá para as pessoas que estão pagando a passagem.

Dependendo do horário, o contato entre motoristas, cobradores e comunidade é diferente. Há cobradores que sequer cumprimentam as pessoas, mas há outros que puxam conversa, querem saber como estão os familiares. Jorge Batista trabalha como cobrador há oito anos, e em linhas como Morro do Horácio, Ângelo Laporta e Monte Serrat há sete. Na primeira vez que subi a comunidade de ônibus, foi para ele que pedi ajuda: “Eu queria descer na casa da Dona Uda”. Depois ele revelou: “Como a gente trabalha todos os dias na mesma linha, a gente acaba fazendo amizade com as pessoas. O povo do morro é de pessoas mais humildes que conversam muito com a gente. Eu não tenho muito intimidade com as pessoas do Monte Serrat, mas no Morro do Horácio eu conheço todo mundo”.

31 de maio de 2016,
A Rotina do Morro em dia de Greve de Ônibus

O som do noticiário ao fundo, em um volume mais alto do que o normal para às 6h30 da manhã, é a trilha sonora que substitui o movimento de ônibus nas quitinetes próximas ao ponto final em dias de greve do transporte público. Normalmente esse é o horário que trabalhadores e estudantes estão atentos demais para perder o ônibus. Durante esses três meses que fui vizinha de Sandra, não a vi faltar o trabalho, e naquele dia não seria diferente. A mãe de Sandra que costuma buscar na escola o filho mais velho, Gustavo, de seis anos, bate na porta. “Tu vai a pé mesmo?”, Sandra responde: “Eu vou sim”.

Na noite anterior, os meios de comunicação da cidade informaram que os trabalhadores do transporte coletivo entrariam em greve no dia seguinte, 31 de maio. Assim, às 7h da manhã Sandra saiu de casa para ir ao trabalho a pé. Ela é um dos cerca de 30 passageiros, que em dias de funcionamento normal do transporte coletivo, pegam ônibus às 6h45 no Ponto Final do Monte Serrat.

Além do grande movimento de carros, muitas pessoas desciam o morro a pé, naquela manhã, assim como os moradores precisavam fazer a 23 anos atrás. O que não mudou muito de 1993 pra cá foi o tipo de emprego dos moradores. É verdade que há mais universitários, funcionários públicos e atendentes no comércio, mas a maioria dos postos de trabalho continua o mesmo.



Ser motorista no Monte Serrat não é fácil. Ainda mais entre os horários de 17h e 19h, quando avia da comunidade é usada para cortar caminho pelo pessoal que sai de carro da Trindade e quer chegar mais rápido ao centro. Essas são viagens que o motorista precisa ficar o tempo todo decidindo quais são as melhores opções para que o ônibus e os carros consigam passar pelas ruas estreitas, sem colisões. O técnico de segurança do trabalho José Eugênio explica que, desde que a linha foi implantada, os motoristas têm receio de assumi-la, e que por isso a empresa Transol decidiu que motorista com menos de um mês de casa não dirige as linhas dos morros.

Por causa de batidas, ou quando o motor para de funcionar, o ônibus não sobe. Nesses casos, outro ônibus não é solicitado, e as opções para os passageiros são: esperar o próximo ou voltar para casa a pé. Os passageiros escolhem andar até em casa, e enquanto vão subindo avisam para quem espera nos pontos que o ônibus quebrou no meio do caminho.

A MAIORIA DOS CARROS QUE PASSAM POR AQUI ESTÁ DESVIANDO O CAMINHO. NÃO SÃO DA COMUNIDADE. NA HORA QUE ELES ENTRAM NO MORRO CHEGAM A FECHAR O VIDRO, E NÃO PARAM. TUDO PRECONCEITUOSO.

VANDERLÉA

ADESIVO DE CAMPANHA

POIS ENTÃO. NÃO TEM NADA A VER COM O QUE A GENTE CONCORDA OU NÃO. É QUE MEUS FILHOS, QUANDO CRIANÇA E ADOLESCENTE, PEGARAM A MANIA DE FAZER ISSO NA ÉPOCA DE ELEIÇÃO. COLAM OS ADESIVOS DE TUDO QUANTO É POLÍTICO NA JANELA. A GENTE RECEBE MUITOS AQUI, VIU?

SEM NOME

Sentar no banco ao lado da janela é poder espiar por poucos segundos a vida privada dos moradores do Monte Serrat. Nas primeiras vezes que passei pela comunidade de ônibus, depois de começar a morar lá, ficava com os olhos pregados na rua, ansiosa para colher a maior quantidade de informação. Em um desses dias, uma das janelas me chamou atenção. A primeira vez que a vi, estava aberta. Era do tipo guilhotina (para abrir, só correndo pra cima). Através da parte aberta da janela vi retratos antigos de crianças emoldurados pregados na parede. Na janela, ao lado de outros adesivos ilegíveis, uma estrela de contorno preto ao lado da palavra Lula, em letras maiúsculas, estava grudada na parte de cima da janela.

Fiquei pensando... Quanto tempo aquele adesivo estava ali. Desde 2006 talvez?

Coloquei na cabeça que precisava perguntar sobre o adesivo. Dias depois, passei de novo de ônibus pela casa, mas a janela, dessa vez, estava fechada. A parte de cima continuava exibindo o adesivo da estrela contornada com a cor preta, acompanhada do nome Lula. Já a parte de baixo do vidro estampava um adesivo de fundo branco, letras de cor preta, onde lia-se Dilma, em letras cursivas. Daí já viu. Fantasiei que os donos da casa eram petistas e, que em meio a atual crise, ostentavam seu posicionamento ali, na janela, da parte da frente da casa.

Demorei semanas para memorizar todos os detalhes das casas do itinerário, e saber direitinho o que vinha depois de cada curva. No começo sentia que tudo era longe demais da minha casa, e não conseguia saber ao certo onde ficava a casa verde, o boteco mais lá de baixo, a casa sem pintura com uma varanda de madeira. Quando fui na casa da segunda pessoa que entrevistei no Monte Serrat, erreí o lugar de desembarcar do ônibus, por um ponto. Mas como o ponto seguinte era muito longe... tive que voltar, subir, virar umas curvas. Cheguei na casa do Seu Teco cansada. Relatei a ele o que havia acontecido. Ele me aconselhou:



— Mas tu devia ter perguntado para o pessoal do Caieira (onde morei), lá eles tudo me conhece.

Pois é, devia mesmo. Mas, algumas caminhadas depois, decorei onde ficava cada viela, onde era aquele lugar que eu deveria fotografar e como eu chegava naquela casa. Quando combinava entrevistas na morada das pessoas, já entendia as direções e referências dadas por telefone.

Em uma manhã, perto das 10h, fui visitar a Caixa D'água do morro, a primeira rede de abastecimento da cidade, e passei pela janela de adesivos. No quintal uma mulher, que aparentava uns 30 anos, estendia roupa. Expliquei meu trabalho para ela e perguntei o que significavam aqueles adesivos de Dilma e Lula na janela. Ela disse que não poderia explicar naquela hora, precisava ir trabalhar, mas avisou que se eu pudesse ir lá mais cedo, em um outro dia, ela me receberia.

A curiosidade aumentou. Pareceu que ela precisava de muito tempo para me explicar o porque dos adesivos. Voltei em outro dia mais cedo, e quem me atendeu foi o pai daquela mulher. Eis o que ele me respondeu:

—Pois então. Não tem nada a ver com o que a gente concorda ou não. É que meus filhos, quando criança e adolescente, pegaram a mania de fazer isso na época de eleição. Colam os adesivos de tudo quanto é político na janela. A gente recebe muitos aqui, viu?

-Mas por que só o de Lula e Dilma ficaram aí? - Perguntei.

-É que um tempinho atrás eu resolvi tirar todos os adesivos dali. Mas os deles são muito ruins para tirar. Esfreguei, esfreguei e não saiu.



EMOÇÃO NA APURAÇÃO

- Tem Jesus no teu sobrenome?
- Tem Anjos.
- Ai, meu deus. Então é você. Priscila dos Anjos.
- É, sou eu.
- Então foi você que escreveu sobre mim na Zero Hora?
- No Zero Jornal da UFSC? Fui eu sim.

Uda Gonzaga esticou os braços, pegou nos meus ombros, me virou em direção à porta de sua casa e me empurrou de leve com as palmas da mãos, dizendo:

- Então pode ir embora.

Tudo começou a desmoronar na minha cabeça nos segundos seguintes. Uma das fontes mais importantes do meu TCC não ia me dar entrevista, e eu não conseguia achar uma maneira de argumentar, pois eu não sabia como explicar para aquela senhora de 70 anos que nada que eu escrevi era mentira. Tá, eu poderia ter dito isso mesmo:

- Eu não menti dona Uda.

Mas o que eu disse foi:

- Me desculpa Dona Uda?

Minha cara de espanto a fez recuar gargalhando:



- Ai, minha filha, tudo bem, tudo bem. Tô brincando contigo. Deixa eu te contar. Quando eu li aquele texto, eu falando aquilo tudo do Amin olha, não gosto nem de lembrar. Eu colocava o jornal de lado, não queria ler de novo, mas acabava lendo e me apavorando de novo com aquilo.

Não precisamos inventar algo e mentir para que a fonte deteste o nosso trabalho, né? Às vezes, pessoa te conta uma coisa que não queria que fosse publicada, tem gente que avisa: “Isso eu não quero, tá?” E tem outras que vão falando, falando, e acham que você vai adivinhar que ‘aquilo’ não é para colocar. O problema é que é justamente ‘aquilo’ que abre te chama atenção.

- Mas eu conversei com a professora da universidade sobre esse texto. E ela me disse: “Mas, Uda, você só falou a verdade. Quem dera todo mundo ter a sua coragem”. E sabes, eu concordei com ela, não tinha mentira nenhuma lá, mas que me incomodou, incomodou.

Ufa. Obrigada professora da universidade. Obrigada.

Duas horas depois de muitos bons papos, quer dizer ... de uma produtiva entrevista, Uda me acompanhou até o portão, dizendo:

- Tu não quer desfilar?
- Olha Dona Uda, eu gosto é da Coloninha.

Uda mudou de assunto, acho que isso ela não ia me perdoar.

BARULINHO BOM

Será que é o ônibus? - Pensei.

Esperei por alguns segundos. E, mesmo sem ter certeza, peguei minhas coisas, tranquei a porta e corri. Chegando ao portão, vejo o ônibus já com a porta de embarque fechada, e ouço o motorista gritar:

- Diz para ele ir mais para trás.

Ele era o condutor do corsa cinza que trancava a passagem do ônibus, o impedindo de fazer o retorno. Ele também foi quem permitiu que eu não perdesse o ônibus. Empurrei o portão, e segui para a porta do ônibus. Gesticulei para o motorista, que abriu a porta.

Nos últimos oito anos, morei no bairro Capoeiras, bem próximo a uma avenida. Então estava acostumada a não calcular o horário de ônibus com antecedência. Normalmente eu me aprontava e olhava na internet as melhores opções que tinham naquele horário. Já no Monte Serrat, é bem diferente. Em dias de semana, por ter horários bem flexíveis no trabalho, e poucas aulas, eu costumo me arrumar, e quando ouço o ônibus chegando, pego bolsa e chave, tranco a porta e tranquilamente pego o ônibus. Nos finais de semana é preciso olhar o horário da linha horas antes para poder chegar a tempo ao compromisso.



Dois meses morando no morro, os barulhos começaram a se confundir. Inúmeras vezes, estava me arrumando e ouvia um barulho semelhante ao do ônibus. Quando chegava no portão, via que, na verdade, o barulho era de um caminhão estacionando. Também percebi que passava horas em casa sem ouvir um barulho sequer, diferente das primeiras semanas que ouvia os ônibus chegando e saindo na rua em que moro. Me lembrei, então, de um episódio de infância, o pai de uma amiga era relojoeiro, e na sala da casa deles havia um relógio de madeira, daqueles compridos, que ficam no chão e guardam dentro um sino. O sino badalava a cada 15 minutos. Perguntei a ela se aquilo não a incomodava, não a deixava dormir, não era chato. Ela disse que acostumara, que nem ouvia mais.

Morar no Monte Serrat, me fez perceber que o barulho do ônibus não acordava ninguém que não quisesse estar acordado. Então, quando resolvi manter uma descrição da viagem de ônibus que fiz há um ano, quando ainda não morava na comunidade, precisei retirar a seguinte frase: Quem ainda não acordou dificilmente não despertará com o ruído do motor.

PRÓXIMA PARADA MONTE SERRAT

Trecho escrito por Lélia Gonzales no livro
“O Lugar do Negro”.

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos "habitaçãoais" (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço.

Os primeiros ônibus começaram a circular em Florianópolis já na década de 20, quando a cidade ganhou suas primeiras avenidas, como a Avenida Hercílio Luz, e construiu sua primeira ligação por terra entre o continente e a ilha: a ponte Hercílio Luz. Porém em contramão às medidas de modernização, intensificadas pelo governo na década de 20, as comunidades de morro, tiveram acesso ao transporte público somente em 1993.

A primeira linha de ônibus nas comunidades do Maciço do Morro da Cruz foi inaugurada no dia 13 de agosto de 1993, e passou a atender a população do Monte Serrat, ainda com cerca de 2 mil habitantes, mas já a maior população do Maciço (Morro do Mocotó, Morro da Mariquinha, Rua Laudelina Cruz Lemos, Vila Santa Clara, Rua José Boiteux, Rua ngelo Laporta, Morro do Céu, Morro do 25, Morro do Horácio, Tico Tico, Morro da Queimada, Morro da Penitenciária, Serrinha, Mocotó e Monte Serrat). Entre 1993 e 1996, anos da gestão municipal de Sérgio Grando, foram criadas mais 11 linhas. A ação nomeada de Programa Transporte no Morro, pelos administradores municipais da época foi concebida durante a campanha municipal de 1992.

Tendo em vista a recente inserção de linhas nos morros, a particularidade da conjuntura política do início dos anos 90, e o pouco material encontrado sobre o episódio, a grande reportagem multimídia Próxima parada: Monte Serrat procurou trazer histórias de moradores desta região nos seus esforços diários para chegar às escolas, trabalhos e realizar outras atividades fora de sua comunidade sem o auxílio do transporte público, a fim de mostrar de que forma os residentes no Monte Serrat foram privados por décadas de direitos básicos como água, luz e transportes.

Visto que parte da formação das comunidades do Maciço do Morro da Cruz

iniciou com a expulsão de moradores da região central da cidade e que foram adotadas em Florianópolis medidas desenvolvimentistas aquém as classes sociais mais baixas, os habitantes de comunidades como Monte Serrat demoraram em ser percebidos como cidadãos de direito a serviços pelos governantes da cidade.

Serviços como água encanada só chegaram ao Monte Serrat na década de 1980, sendo que o primeiro reservatório da cidade foi construído em 1909, dentro da comunidade do Maciço, que naquela época passa a ser chamada de Morro da Caixa em referência a Caixa d'Água da cidade.

De acordo com membros do Conselho Comunitário do Monte Serrat, das décadas de 80 e 90: Carlos Cardoso, Maria de Lourdes da Costa Gonzaga (Uda) e João Ferreira de Souza (Teco) o debate sobre o transporte público sempre foi pauta presente nas reuniões do Conselho, e nas negociações com os administradores municipais daquela década.

Mas foi só durante a eleição municipal de 1992 que a pauta dos moradores recebe a atenção de políticos. Os candidatos Sérgio Grando (PPS) e Afrânio Boppré (PT) anunciam a implantação de linhas de ônibus no morro como promessa de campanha. Em outubro de 92, a cidade escolhe a Frente Popular, coligação de partidos políticos formada por: PC, PCdoB, PDT, PPS, PSB, PSDB, PT e PV, para administrar a cidade.

Apesar da resistência das empresas de ônibus, seis meses após assumir o executivo da cidade, Sérgio Grando, em 13 de agosto de 1993, inaugura a primeira linha de ônibus no morro, a 113 – Monte Serrat. Nesta época o Monte Serrat já era a mais populosa das comunidades do Maciço. De acordo com dados do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), 2.100 pessoas habitavam a comunidade em 1993.

PRISCILA DOS ANJOS
JORNALISTA _ MARUIM COLETIVO DE JORNALISMO
ESCREVEU ESTA REPORTAGEM COMO TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO DO JORNALISMO DA UFSC.
CONTATO: PRISCILADOSANJOS.P@GMAIL.COM

JEFFERSON MAIER
ESTUDANTE DE DESIGN _ BRIGADAS POPULARES
UMA DAS DUAS CABEÇAS RESPONSÁVEIS
PELO PROJETO GRÁFICO DESTA JORNAL.
CONTATO: MAIERJEFFERSON@GMAIL.COM

LUCCAS DA CUNHA COELHO
DESIGNER _ BRIGADAS POPULARES
UMA DAS DUAS CABEÇAS RESPONSÁVEIS
PELO PROJETO GRÁFICO DESTA JORNAL.
CONTATO: LUCCASCCOELHO@GMAIL.COM

Nossos sinceros agradecimentos a todas e todos que, de variadas formas, auxiliaram na elaboração e lançamento deste projeto. É com a certeza de que somente a luta é capaz de mudar a vida que movemos nossos esforços para trazer essa história para o cotidiano da cidade. Um grande abraço!

AGRADECIMENTOS: CENTRO ACADÊMICO LIVRE DE ARQUITETURA, **SINDICATO DOS TRABALHADORES NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS**, SINDICATO DOS TRABALHADORES EM SAÚDE E PREVIDÊNCIA DO SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL EM SANTA CATARINA, **SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE ENERGIA ELÉTRICA DE FLORIANÓPOLIS**, SINDICATO DOS PSICÓLOGOS DE SANTA CATARINA, **BRIGADAS POPULARES**, GABINETE DO VEREADOR LINO, PROJETO INFANTIL “É DA NOSSA COR”, CORES DE AIDÊ, **SAMBA DE TERREIRO**, **MARUIM**, CATARINAS, **DESACATO**, CONSELHO COMUNITÁRIO DO MONTE SERRAT, **DIOGO G. ANDRADE**, TINA MERZ, **MATHEUS MANOEL**, SILVIA MEDEIROS OLIVEIRA, **LUISA TAVARES**, EDUARDO MEDITSCH, **STEFAN MAIER**, HÉLEN CAROLINA DE OLIVEIRA, **MURILO RODRIGUES**, ADRIANE CANAN, **CRISTINA MULLER**, MENAN DUWE, **RODRIGO SIMÕES**, CLAUDIA CHRIST, **LARISSA GASPAR**, CELSO VICENZI, **NATÁLIA DUANE**, MARIA PAULA, **LUCCAS COELHO**, TIBOR MAXIMILIANO GUEDES, **EDUARDA PEREIRA**, MAURO SILVEIRA, **ALINE VIQUETTI**, KARINA SANTOS, **ANAIRA SOUSA**, MARCELO FRANCE, **LUCAS WEBER**, CLAI DIRLEAN, **LUCAS RICHI**, JOANA ZANOTTO, **RAIZA PADILHA**, **MARCELA DE JESUS**, DAIANE BERTASSO, **LINO PERES**, CRIS TUPAN, **LUARA WANDELLI**, TALITA BURBULHAN, **JULIA ROHDEN**, PEDRO AGUIAR, **NICOLE PACHECO**, LUIZE SUZANA, **MIRIAM SANTINI**, LOURIVAL FRANCISCO, **FLAVIA GARCIA**, IOHANNA CAMPOS ROEDER, **PATRICIO CRUZ**, CARLOS RAULINO, **ANDERSON FERREIRA**, CARLOS JOSÉ DOS ANJOS, **DILMA OLIVEIRA GERMANO**, CECÍLIA MARIA DA SILVA DOS ANJOS, **JOÃO SILVESTRE**, CLARISSA PEIXOTO, **WANESSA ZANOTTO**, HENRIQUE ELIAS, **TAYNARA MACEDO**, PATRÍCIA KRIEGER **E TODAS E TODOS DA COMUNIDADE DO MONTE SERRAT!** MUITO OBRIGADA!